

DÓLAR DISPARA E BATE EM R\$ 2,15

FRAGA PODE
ESTREAR NO
BANCO
CENTRAL
COMANDANDO
REUNIÃO SOBRE
JUROS NA
QUINTA-FEIRA

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — A pressão pelo pagamento de US\$ 426 milhões em empréstimos internacionais somente nesta semana e a quase irrisória entrada de divisas no país fez com que a desvalorização de real aumentasse 5,39% ontem. A cotação do dólar comercial para a venda fechou o dia em R\$ 2,15 contra R\$ 2,04 de sexta-feira. Essa alta fez com que os títulos da dívida externa caíssem em Nova York.

O dia começou com o dólar valendo R\$ 2,05, caiu para R\$ 2,02 e ficou em R\$ 2,04 até o final da manhã. À tarde, com a pressão de compra de alguns bancos, entre eles o Banco do Brasil, a moeda norte-americana começou a se valorizar. Diante do pequeno ingresso de reservas e a saída de US\$ 200 milhões num pagamento externo feito pelo BB, o governo preferiu não intervir no mercado de câmbio, ao contrário do que fez na semana passada. "A baixa quantidade de dólares fez com que a cotação da divisa subisse bem", comentou Edson Barbosa, chefe da mesa de câmbio do Lloyds Bank.

Embora a balança comercial tenha apresentado resultado positivo em fevereiro, os exportadores têm encontrado grandes dificuldades para trazer divisas para o País. Eles fecham um negócio com empresas no exterior, mas não conseguem a antecipação dos créditos por parte de instituições financeiras. "Essa situação de escassez de recursos deverá perdurar por mais um mês", analisa um diretor de um banco europeu. "Esses dólares só começarão a migrar para cá depois que o Brasil fechar o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Congresso aprovar a elevação da CPMF".

Além do empréstimo do Banco do Brasil, vencem nesta semana compromissos das seguintes empresas: Abril Cultural (US\$ 18 milhões), Sudameris (US\$ 18 milhões),

Light (US\$ 130 milhões), Banco Interatlântico (US\$ 60 milhões). No mês, está prevista uma saída total de US\$ 1,8 bilhão, a maior parte concentrada nas duas últimas semanas. Para operadores de vários bancos, o BC não fez qualquer tipo

de intervenção porque ela poderia ser inútil, em virtude da forte pressão de saída de divisas.

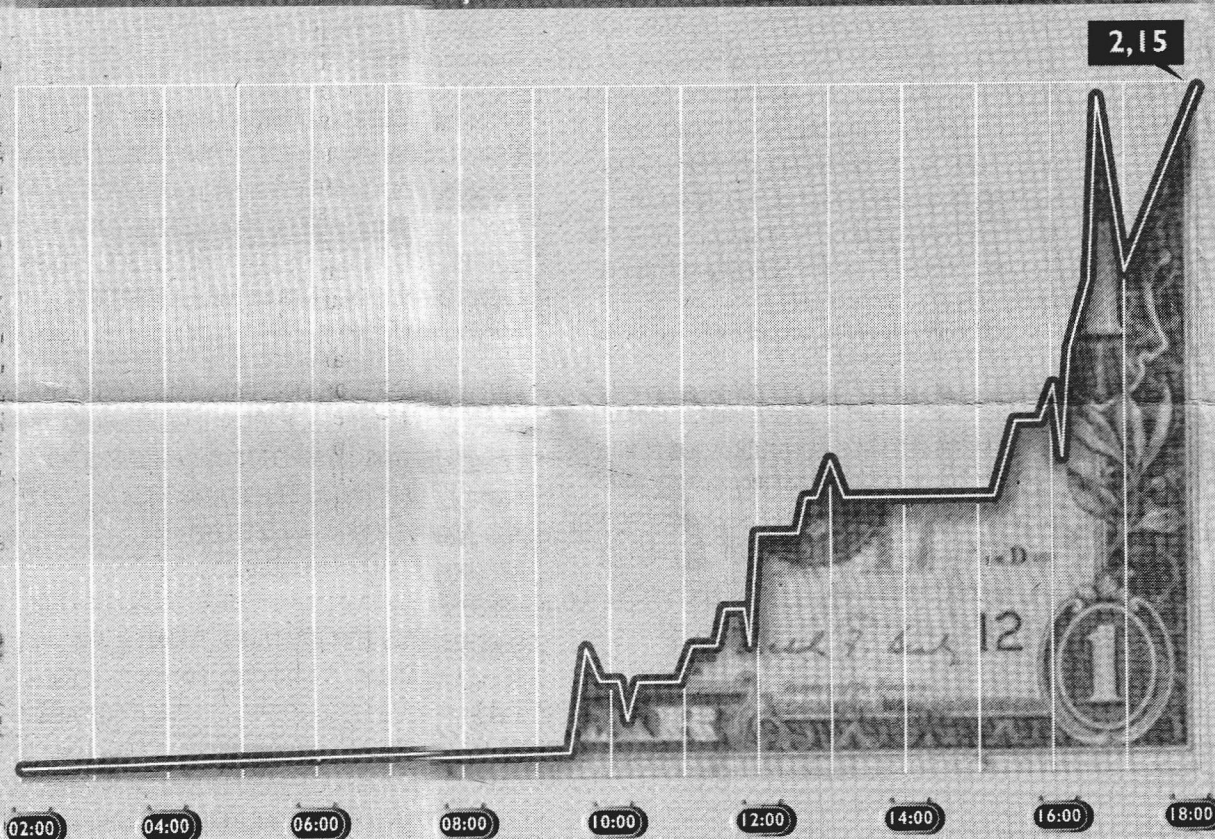
Na semana passada, as reservas caíram US\$ 84 milhões, fruto da ação do Banco Central na venda direta da moeda norte-americana às instituições que

operam a seu favor, os chamados *dealers*. Essa perda ainda não considera as intervenções de quinta e sexta-feira. O volume de reservas caiu de US\$ 35,687 bilhões para US\$ 35,603. Sem os US\$ 9 bilhões concedidos pela primeira parcela da ajuda internacional ao país,

"OS INVESTIDORES
CONTINUAM
ENCONTRANDO NOS
TÍTULOS DE EMPRESAS
SAÍDAS PARA AS
VARIAÇÕES CAMBIAIS"

Nicolas Balafas,
diretor do Banco Nacional de Paris

VALORIZAÇÃO DA MOEDA AMERICANA



coordenada pelo FMI, as divisas somam US\$ 26 bilhões.

Os títulos da dívida externa, conhecidos como *bradies*, foram influenciados pela alta do dólar. O valor do C-Bond, papel mais negociado pelos países em desenvolvimento, caiu 1,5% e a cotação ficou em 56,5% do valor de face. O IDU, com vencimento para março de 2000, custava ontem 85% de seu valor integral, um recuo de 1,4%.

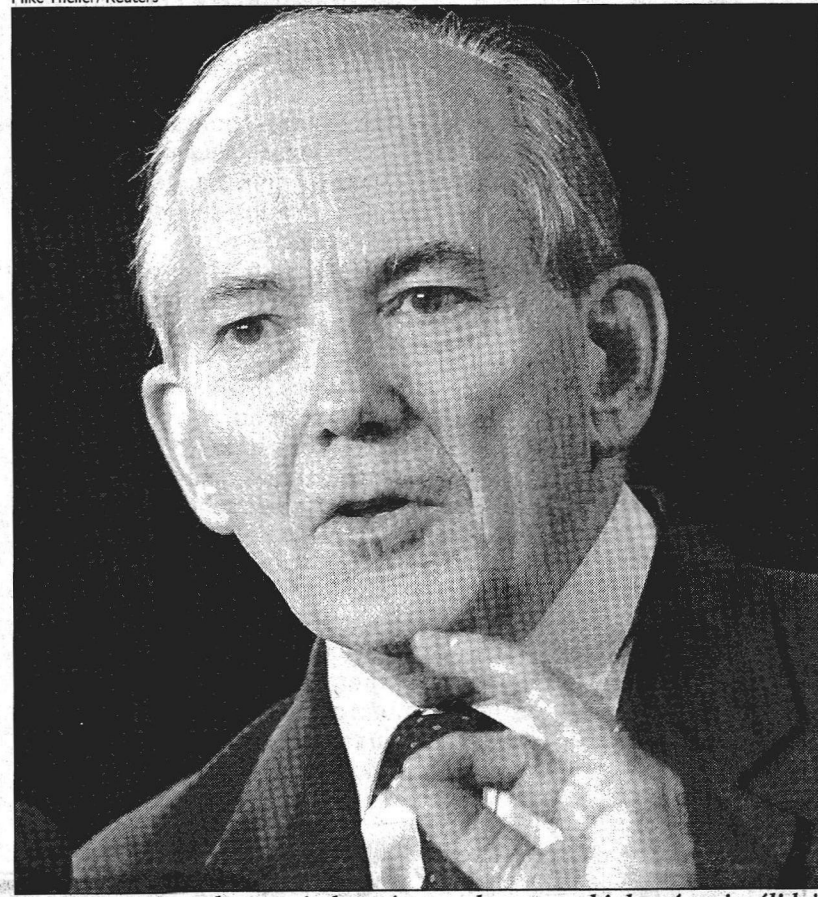
As oscilações do câmbio elevaram as cotações do dólar para os próximos dois meses, no mercado futuro. Para abril, houve subida de 4,2% e a cotação ficou em R\$ 2,115. Para maio, o dólar foi cotado em R\$ 2,112, um aumento de 3,3% em relação a sexta-feira. O mercado futuro de juros apresentou pequena oscilação. Para maio, a taxa pulou de 47,35% para 49,77% e para junho, de 49,89% para 50,6%.

O Banco Central anunciou que a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) marcada para quarta-feira foi adiada para a quinta-feira. Com isso, a reunião já poderá ser comandada por Armínio Fraga que deve ter seu nome aprovado no plenário do Senado quarta-feira e empossado na presidência do BC pelo ministro Malan na quinta-feira.

O economista-chefe do Citibank, Carlos Kawal, avalia que o BC ainda tem espaço para manter as taxas, mesmo diante da inflação alta. Segundo ele, as previsões para a inflação variam hoje de 10% a 20% no ano. Com os juros básicos anuais em 39%, ainda há espaço para juros reais negativos por mais três meses. Há uma corrente, entretanto, que o BC terá que elevar os juros, caso os índices de preços continuem subindo.

A melhor notícia do dia no mercado financeiro ficou restrita ao fechamento positivo da bolsa de valores de São Paulo, mesmo assim marcada por baixo volume de negócios. O pregão registrou alta de 3,22%, com movimentação de R\$ 396 milhões. "Os investidores continuam encontrando nos títulos de empresas saídas para as variações cambiais", comenta Nicolas Balafas, diretor do Banco Nacional de Paris. "Contudo, há fatores positivos influenciando a compra de ações. Destaco a perspectiva de fechamento do acordo do Brasil com o FMI e aprovação do ajuste fiscal no Congresso neste mês".

Mike Theiler/ Reuters



Camdessus: "Acordo negociado após a mudança cambial será mais sólido"